

A consciência adolescente de Brasília

A relação da cidade com seus jovens habitantes, que descobrem coisas especiais em cada setor

VANDERLEI POZZEMBOM



Lucas, Roberto, Cândida, Adriana, Taíssia e Marco sob o pedestal de 28 metros, que a partir de uma reta eleva JK e o envolve em curva

Brasília — caleidoscópio multifacetado para uns, local de intensa solidão para outros — carrega, beleza à parte, uma vasta coleção de estigmas. Quem não a conhece intimamente pode jurar de pés juntos que não passa de uma cidade fria, um convite à solidão, à neurose ou simplesmente de uma ilha da fantasia. Já alguns adolescentes, frutos do traçado urbanístico de Lúcio Costa e da arquitetura de Niemeyer, percebem a cidade de modos muitos singulares, que nem Le Corbusier ou Freud explicam. Sem teorias, derrubam mitos e se ofendem profundamente caso ouçam alguém falar mal de Brasília.

“É o mesmo que ouvir alguém falar mal do filho da gente”, exclama Taíssia Pontes, 18 anos, uma goiana que chegou à Capital Federal com um mês e meio de idade. Com ela concordam os brasilienses Lucas Kanyo, 15 anos; Marco Pontes, 13 anos; o mato-grossense -do-sul Roberto José Pinheiro, 15 anos; a goiana Maria Cândida Rezende, 18 anos; e a mineira Adriana Borges, 18 anos.

Este grupo, formado aleatoriamente, demonstra um grande carinho por Brasília: “Parece que sou um tijolinho da cidade. Faço parte dela”, diz Lucas, “não me sinto apenas um número como aconteceria em outras cidades. Aqui a gente se sente uma pessoa”. Taíssia se considera brasiliense — “mal conheço minha cidade natal. Brasília é Brasília, o resto é resto.” Marco já recusou duas possibilidades de mudança. Não quis ir para Belo Horizonte nem para a Holanda.

Inicialmente, Cândida não gostava da cidade. Agora não a troca por nada deste mundo. “É incrível como Brasília sabe cativar. Demorou dois anos, mas aconteceu”, diz, ressaltando que vê Brasília pelo lado místico. “Gosto de passear a pé. Assim sinto paz e calma, só o lado bom que a cidade transmite. Sinto a vibração dos desenhos e das ondas das formas arquitetônicas e monumentos”.

As formas da cidade, de acordo com Taíssia, são loucas apenas para os turistas, “que aqui se dão mal” por estarem acostumados às ruas das cidades tradicionais. Por sua vez, ela diz que, quando pequena, não entendia de modo algum as “cidades grandes”. Não conseguia compreender como uma casa poderia estar ao lado de um prédio. “É muito mais fácil andar aqui. Basta saber em que número você está. Tudo é bem dividido, amplo e espaçoso”.

Adriana “ama” a setorização. Não vê nada melhor do que cada coisa em seu lugar. Lucas já faz questionamentos: “O Setor Comercial Sul, por exemplo, é um espaço ocioso nos finais de semana”. Cândida gosta muito de saber antecipadamente onde ir. Como ela, Taíssia também é a favor da setorização: “Detestaria morar perto de um supermercado ou de uma fábrica. No Lago Norte ouço sapos à noite”.

Brinquedos — Já que o assunto é setorização, Adriana diz que “aqui quem quer paz tem. Quem quer barulho tem. Basta procurar o setor adequado”. A partir daí surgem os programas e opções. A Esplanada dos Ministérios deixa de ser o centro do poder durante a noite, quando, para Roberto e Taíssia, é transformada em um dos “setores de paz”. Ele adora passear por lá, e no silêncio subir nos monumentos: “Me sinto dono de tudo”. Ela acrescenta que em noite de lua cheia é melhor ainda: “A gente vê a cidade toda. Acha Deus lá em cima”.

Lucas também já experimentou a Esplanada. A diferença é que foi durante o dia. Ao invés de caminhar pela passarela, como todo mundo, resolveu ir pelo meio do gramado, seguindo a mesma direção da rampa do Congresso Nacional: “Me senti grande. Só eu no meio”. Ele explica que esta superioridade nada tem de negativo e nasce da sensação de ser realmente gente. Uma pessoa, não um número. Cândida sente algo semelhante e diz que a cidade se comunica com as pessoas: “Chama a gente”.

As grandes distâncias não são problemas para Lucas. Do IBI, na 910 Sul, onde estuda inglês, caminha até o Setor Comercial Sul. “Isto é muito gostoso. Parece que estou viajando”, diz, “sinto-me bem. Só isso”. Para Adriana, as caminhadas significam paz: “Só me vêm coisas boas na mente. Não penso nos problemas. Mas, quando vejo, eles foram embora. Andar a pé funciona como uma terapia”, diz ela.

A grande paixão de Lucas é o Setor de Embaixadas, onde se sente fora da realidade. Principalmente pela manhã. “É uma mudança total”, enfatiza. Situando cada embaixada como um monumento diferente, brinca mentalmente com elas. Em suas fantasias já provocou os EUA e a URSS, para ver se era captado por alguma máquina. Seus outros espa-

ços preferidos são o Parque da Cidade, o bosque de eucaliptos do Pontão 45, o Jardim Botânico e a Esplanada. O Eixo Monumental lhe chama muito a atenção tanto por seus grandes espaços quanto pelo “equilíbrio perfeito entre concreto e verde”.

O Setor de Embaixadas também atrai Adriana. Mas, seu horário é outro. Prefere observá-lo no final da tarde. “Este é o lugar mais diferente que há em Brasília. Nele estão todos os poderes do mundo. Um país em frente do outro. À cada porta muita diferença”, comenta.

Normal X anormal — A singularidade de Brasília faz com que Lucas, acostumado a viajar por outras cidades, diga que todas são sempre iguais: “Só Brasília é diferente”. Adriana, Marco e Taíssia consideram Brasília uma cidade normal — “Anormal são as outras”. Roberto acha que normais são as outras, mas prefere a diferença de Brasília. Cândida concorda com ele e diz, “é por isto que gosto daqui. Se Brasília fosse igual a tudo o que se conhece não teria a magia que tem”.

Já as peculiaridades do ritmo da cidade, que confundem quem vem de fora, agradam em cheio a

estes adolescentes. No Rio de Janeiro, Roberto se sente como “uma barata tonta”, sem seus pontos de referência brasilienses. Taíssia tem especial preferência pelo ritmo mais lento de Brasília: “É muito agradável”, diz ela, que gosta da cidade inteira, exceto da Rodoviária, “muito confusa, movimentada e suja”. Adriana completa: “O que se vê na Rodoviária é encontrado em todas as outras cidades. Eu a detesto”.

Cândida é uma tranquila apreciadora do ritmo calmo de Brasília. Ela não gosta de multidão. De muita gente andando nas ruas. Prefere ver “as formiguinhas que se destacam entre os monumentos e o espaço”. Desmistifica em seguida a tão comentada solidão causada por Brasília: “Para quem vem de fora é difícil lidar com a cidade. Mas tudo é uma questão de adaptação. E a solidão pode estar em qualquer lugar”.

Para Adriana, Brasília faz com que se aprenda a ser só. “Mas não é algo ruim, ao contrário, a cidade ensina o sentido da independência”. Roberto diz que aqui se sente à vontade para fazer o que deseja sem depender de ninguém. Cândida completa di-

zendo que isto está ligado à forma setorizada da cidade, que é transmitida às pessoas: “Cada um procura os seus próprios setores internos”.

Lucas, pelas experiências de suas caminhadas, salienta que o fato de andar por Brasília sempre propicia um encontro com alguém. Taíssia e Adriana explicam que nas cidades tradicionais as pessoas dependem muito uma das outras: “Por isto fazem amizades com tanta facilidade. Aqui, quando a gente tem afinidade com uma pessoa, a amizade pode durar a vida inteira. Pode também durar um bom tempo e depois terminar, de modo normal”.

Desfazer um equívoco que pode ser passado para os outros é a intenção de Lucas, quando faz questão de ressaltar que não há individualismo nesta maneira de ver o mundo: “Percebo que nas grandes metrópoles há mais individualismo. Isto pode ser observado nas escolas de Primeiro Grau. Aqui existe menos competição”. Adriana, por sua vez, vê mais sinceridade nas amizades feitas em Brasília e observa um egoísmo maior nas crianças das cidades tradicionais.

Ao contrário do que possa parecer, a indepen-

dência e individualidade cultivada por estes adolescentes não os faz anti-sociais. Taíssia afirma que “aqui há muito mais turmas. Brasília é considerada a cidade das festas”. Roberto menciona os vários “grupinhos” que existem nas superquadras, seus vários estilos e personalidades — ligados aos esportes, à barra pesada ou às saídas”.

As amizades de Lucas, que mora no Lago Sul e estuda na Asa Sul, “não ficam presas a nenhum local”. Cândida mora no Setor de Mansões Park Way, onde cultiva basicamente a natureza. Suas amizades são feitas na Faculdade e no trabalho. Adriana diz que aqui as amizades nascem por um acaso, menos nas quadras. Roberto concorda e completa, “nas quadras elas acontecem por livre e espontânea pressão. Mas, é possível conhecer uma pessoa agradável na quadra”.

Além das diferenças entre os vários grupos de quadras, eles as classificam conforme o ritmo. Entre as movimentadas foram apontadas a 312 Norte, 109 Sul e 315 Norte. As mais calmas estão situadas no final da Asa Norte: todas as “16”, além do Setor Octogonal. Cândida resalta que a situação financeira dos moradores das quadras é um componente básico para determinar suas características e personalidades.

Poder — “As pessoas de fora pensam que todo mundo que mora em Brasília é rico, já viu o Presidente, ou é funcionário público”, diz Lucas, acrescentando que a proximidade do poder faz com que os adolescentes da cidade tenham uma visão mais real, e não fantasiosa, do mundo.

Por outro lado, Cândida cita um artigo que leu sobre a não-participação e mobilização política de quem mora em Brasília. Ela se sente cobrada em relação a uma postura política. Mas, não participa e considera isto “positivo demais”. É uma opção própria.

Diante da legenda de uma foto do premiado jornalista Teodomiro Braga (revista Imprensa nº 40 — *O Obstinado Campeão dos Prêmios*), onde ele diz que, “Brasília não tem povo. A própria população da cidade é viciada naquele negócio de poder”. Lucas, magoado, exclama: “Que cara mais sem graça. Não gostei. Ele mora aqui?”

Taíssia ainda lembra que a natureza aqui é uma constante e que nunca precisaram da moda ecológica para dar atenção a ela. “Já nascemos em cima da grama”, enfatiza com emoção. Sobre o choque de visões entre os “de dentro” e “os de fora”, o grupo conclui com unanimidade que não é preciso ir muito longe: “Basta ir a Taguatinga que tudo se modifica. Quem mora lá não entende o Plano Piloto. Para compreender Brasília é preciso morar nela”.